

O Teatro-Fórum na busca de temas geradores: uma proposta de ensino na Educação de Jovens e Adultos

Maria Tânia Gomes Lima¹, Adevailton Bernardo Santos²

Resumo

São inúmeros os desafios encontrados na educação, principalmente em relação à Educação de Jovens e Adultos (EJA), em que se constata baixo rendimento escolar e alto índice de evasão. Nesse contexto, um grande desafio para o corpo docente é construir práticas que propiciem à classe estudantil um maior envolvimento com a disciplina e uma visão mais crítica de mundo. A proposta deste trabalho se alinha com a pedagogia de Paulo Freire, que se constitui nos temas geradores como método de desalienação e aprendizado à educação, em conjunto com a proposta de Augusto Boal, que se fundamenta no Teatro do Oprimido como método cênico pedagógico. Em comum, ambas propostas apresentam posicionamentos ético-políticos de transformação social, pelo viés da educação e da cultura. O objetivo do trabalho foi desenvolver e avaliar uma proposta por meio do Teatro-Fórum de Augusto Boal, no contexto da EJA, buscando verificar a relação na definição do tema gerador de Paulo Freire. Os resultados mostraram que trabalhar o Teatro-Fórum através da dialogicidade foi oportunizar ao/a estudante sua contribuição ao diálogo, estabelecendo assim sua autonomia e criticidade, além de ser um eficiente método para a busca e definição do tema gerador.

Palavras-chave

Ensino. Educação de Jovens e Adultos. Teatro do Oprimido. Tema Gerador.

¹ Mestranda em Matemática na Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, Brasil. E-mail: mariataniagl@gmail.com.

² Doutor em Física Aplicada à Medicina e Biologia pela Universidade de São Paulo, Brasil; estágio pós-doutoral na Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil; professor efetivo do Instituto de Física da Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, Brasil. E-mail: adevailton@ufu.br.

The Forum-Theater in the search of generating themes: a teaching proposal in Youth and Adult Education

Maria Tânia Gomes Lima³, Adevailton Bernardo Santos⁴

Abstract

There are numerous challenges found in education, especially regarding Youth and Adult Education (YAE), where low school performance and high dropout rates are found. In this context, a great challenge for the teaching staff is to build practices that provide students with greater involvement with the discipline and a more critical view of the world. The purpose of this work is in line with Paulo Freire's pedagogy, which is constituted in the generating themes as a method of disalienation and learning to education, together with the proposal of Augusto Boal, which is based on the Theatre of the Oppressed as a scenic pedagogical method. In common, both proposals present an ethical-political position of social transformation, through education and culture. The aim of this work was to develop and evaluate a proposal through Augusto Boal's Theater-Forum, in the context of YAE, seeking to verify the relationship in the definition of Paulo Freire's generating theme. The results showed that working the Theater-Forum through dialogicity gave the student the opportunity to contribute to the dialogue, thus establishing his/her autonomy and criticality, in addition to being an efficient method for the search and definition of the generating theme.

Keywords

Teaching. Young and Adult Education. Theatre of the Oppressed. Generating Theme.

³ Master degree student in Mathematics, Federal University of Uberlândia, State of Minas Gerais, Brazil. E-mail: mariataniagl@gmail.com.

⁴ PhD in Physics Applied to Medicine and Biology, University of São Paulo, State of São Paulo, Brazil; postdoctoral internship at the Federal University of Minas Gerais, State of Minas Gerais, Brazil; tenured professor at the Institute of Physics, Federal University of Uberlândia, State of Minas Gerais, Brazil. E-mail: adevailton@ufu.br.

Introdução

Infelizmente a defasagem, a evasão, o baixo rendimento e a dificuldade no aprendizado educacional existem entre estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e são várias as suas causas, desde problemas de vulnerabilidade social até problemas de currículos que não são adequados (ARROYO, 2007). Outro problema é que estudantes da EJA trazem consigo uma visão de mundo influenciada por seus traços culturais de origem e por sua vivência social, familiar e profissional, que muitas vezes são ignorados no processo de ensino e aprendizagem (ARROYO, 2007).

Diante de tal situação, este texto busca relatar um trabalho, desenvolvido em turmas da EJA, que utilizou a metodologia do Teatro-Fórum como forma de buscar a definição do tema gerador. A ideia é que a proposta possibilite a troca de conhecimentos e experiências, se colocando como um instrumento facilitador para as discussões dos problemas sociais e de mediação socioeducativa, possibilitando um ensino mais significativo, a impulsão da interdisciplinaridade, o desenvolvimento do senso crítico e a autonomia da classe estudantil, e contribuindo de forma eficaz no envolvimento deles com o conteúdo das diversas disciplinas.

Essa proposta de trabalho consistiu em um projeto de extensão realizado em uma escola pública de Educação Básica. O projeto seguiu as diretrizes gerais da extensão conforme documento publicado pela instituição acadêmica promotora da ação (UFU, 2019), privilegiando a integração ensino/pesquisa por meio de uma prática pedagógica contextualizada, além de promover acesso ao conhecimento produzido na academia pela sociedade, no caso, estudantes de uma escola pública. Ainda em concordância com o documento, a realização do projeto busca estabelecer uma troca de saberes que possibilite a formação de uma consciência reflexiva, para a superação das desigualdades e a melhoria da qualidade de vida.

Trabalhar com os temas geradores, segundo Freire (2009), é dar possibilidade da participação de todos/as em um processo que se preocupa com a qualidade do ensino ofertado, independentemente das particularidades de cada um. Importante ter em mente que estudantes da EJA, que são o público desse projeto, normalmente são indivíduos que nem sempre tem acesso a um ensino de qualidade, além de conviverem e enfrentarem preconceitos, críticas e discriminação, tanto no ambiente familiar como na vida em sociedade (ARROYO, 2007).

A modalidade de apresentação teatral Teatro-Fórum é um aditamento das técnicas desenvolvidas nas “oficinas” do teatrólogo Augusto Boal com o Teatro do Oprimido, totalmente voltada para vivências e discussões do cotidiano (BOAL, 2000). Veloso, Costa, Arruda e Leal (2021) em trabalho utilizando o Teatro do Oprimido em ambiente de um

assentamento rural, reforçam a importância da metodologia participativa da educação popular associada às linguagens artísticas, concluindo que a arte se mostrou um potente instrumento para provocar reflexões e trouxe caminho para ética da emancipação e novos saberes. Acredita-se, dessa forma, que trabalhar o Teatro do Oprimido por meio da dialogicidade possibilita a transformação na construção da autonomia.

Utilizar uma metodologia com o desenvolvimento de uma peça teatral, na modalidade Teatro-Fórum, para a extração do tema gerador, é sem dúvida uma forma inovadora e provocativa de desenvolver a educação, principalmente na modalidade da EJA. Esse trabalho, ao se basear nas propostas de Paulo Freire e Augusto Boal, propõe ações que permitem o diálogo reflexivo, fundamental para a educação tratada de forma libertadora. A pergunta que orienta esse trabalho é: “É possível utilizar o Teatro-Fórum na pesquisa e definição do tema gerador?”

A proposta de ensino aqui, se diferencia por partir de pressupostos de Paulo Freire, como focar na realidade do/a estudante e buscar a educação libertadora. Acredita-se que trabalhar o tema gerador através do Teatro-Fórum é dar possibilidade de participação e criticidade a todos/as estudantes, é um meio totalmente propício para velar com aquilo que faz sentido para ele, é provocar a mudança da consciência ingênua para a consciência crítica, é propiciar formas da tomada de consciência para transformação. Para que ocorra essa transformação nos/as estudantes, Freire (2009) destaca a necessidade de um processo de conscientização do ser humano, com uma forma crítica e reflexiva de abordar o mundo, que os coloca como sujeitos da práxis. Esse desempenho se dá numa proposta pedagógica e crítica voltada a atender a necessidades de uma educação popular, em um compromisso com a transformação prática da realidade, o que, segundo Freire (2009, p. 16) se traduz em compreender que a “conscientização é isto; tomar posse da realidade; por esta razão, e por causa da radicação utópica que a informa, é um afastamento da realidade. A conscientização produz a desmitologização”.

Para que essa conscientização ocorra, de acordo com Freire (2009), é necessário antes de tudo existir a dialogicidade, a qual é a essência desse processo e que implica numa práxis, compromisso entre o que a gente fala e o que a gente faz. Freire usa o termo “palavração” e é no encontro entre o agir e o refletir que são endereçados ao outro a fim de transformar. Assim diz Freire (2009, p. 66): “O sujeito pensante não pode pensar sozinho; não pode pensar sem a co-participação de outros sujeitos no ato de pensar sobre o objeto. Não há um ‘penso’, mas um ‘pensamos’. É o ‘pensamos’ que estabelece o ‘penso’ e não o contrário.

A partir dessa práxis advêm os temas geradores, os quais são extraídos da prática de vida dos/as estudantes, substituindo os conteúdos tradicionais através de metodologias pedagógicas que oportunizam um enfoque interdisciplinar em uma problemática estudada. “Os temas que foram captados dentro de uma totalidade, jamais serão tratados esquematicamente.” (FREIRE, 2009, p. 133-134). Os temas geradores vêm de ação-reflexão-ação que são carregados de conteúdos sociais e políticos com significado relevante para a vida dos/as estudantes.

Ao fazer um paralelo entre Freire e Boal, observa-se uma ligação muito entrelaçada entre suas pedagogias, ou seja, ambos associam ao ensino as experiências vividas com as práticas educativas, relacionando trabalho e política. Freire dá a palavra ao aluno, Boal dá voz ao espectador, para que ambos relatem suas próprias experiências. Com isso, faz uso da sua autonomia, o que influi na transformação do mundo, desenvolvendo sua consciência crítica.

A educação, nesse contexto, se realiza por meio da comunicação e da troca de experiências, sendo então um ato dialógico. Tanto Freire quanto Boal defendem a ideia de que educar é conhecer e interpretar o mundo para transformá-lo, com o intuito de uma libertação por meio da dialogicidade, ou ainda, uma dimensão dialógica de cunho popular ligada ao trabalho, ao emprego, à pobreza, à fome, à doença, e a todas as características, mazelas e dificuldades populares. Boal desafia todos/todas espectadores a pensar como se fossem atores/atrizes atuantes, capazes de representar, a partir do que vivem em seu dia a dia e de como vivem as situações de sua realidade. “O espetáculo é o início de uma transformação social necessária e não um momento de equilíbrio e repouso” (BOAL, 2009, p. 347). Assim, tais propostas podem ser usadas como ação conscientizadora e devem possuir conteúdos significativos para os educandos.

Metodologia

O projeto foi desenvolvido em uma escola pública de Educação Básica, em três turmas de EJA do ensino médio, do período noturno: uma do primeiro ano e duas do segundo ano. Foi desenvolvido em cinco etapas: a primeira, uma roda de conversa com o objetivo de conhecer os problemas sociais da comunidade; a segunda etapa, a aplicação de um questionário socioeconômico através do *Google Forms* para conhecer um pouco da realidade dessa comunidade escolar; a terceira etapa, uma breve conversa para levantar temas para o roteiro da peça do teatro; a quarta etapa, a realização do Teatro-Fórum, e por fim; a quinta e última etapa, que foi uma roda de conversa para o desvelamento do tema gerador.

Na primeira etapa, foi realizada uma roda de conversa com a turma para que se conhecesse melhor seus problemas sociais. Iniciou-se a problematização por meio de uma pergunta ligada ao cotidiano dos/as estudantes, e a partir desse momento, eles/as puderam se reconhecer no tema estudado. Para que eles se sentissem mais à vontade, foi realizada uma dinâmica como um quebra-gelo. A dinâmica consistiu em dispor os/as estudantes sentados/as em um círculo, para em seguida, em uma folha contendo a seguinte frase: “O meu problema é...”. Foi solicitado que escrevessem um problema pelo qual ele/ela estava passando. Toda a dinâmica foi realizada de modo anônimo, sem identificação. Depois de preenchida a folha, a mesma deveria ser colocada dobrada em uma caixinha que estava no centro do círculo.

Após todos terem depositado a folha na caixa, foi entregue a cada estudante, de modo aleatório, uma das respostas, e solicitado para que lesse o problema escrito e desse um conselho ou apontasse uma solução. Em continuidade foi promovido uma discussão sobre a questão da opressão na sociedade desigual, estabelecendo relações de sua vida com as questões sociais, de modo que todos/as estudantes percebessem situações de opressão manifestadas durante a dinâmica do papel. Essa etapa foi realizada em um horário de aula com 50 minutos.

Na segunda etapa, foi aplicado um questionário no laboratório de informática em um horário de aula de 50 minutos. Iniciou-se a aula lembrando as questões das discussões trabalhadas anteriormente. Em seguida, os/as estudantes responderam um formulário pelo *Google Forms*. Notou-se nas discussões que os problemas são temas expressos de suas experiências, suas vivências cotidianas, suas relações com as pessoas e com a sociedade. O objetivo do questionário foi compreender os níveis de necessidades econômicas dessa comunidade escolar.

Diferentemente da educação bancária, na qual a classe docente decide tudo sem a participação do/a estudante, realizou-se a terceira etapa desse trabalho, com o objetivo de auxiliar na elaboração do roteiro da peça que seria apresentada na etapa seguinte. Essa etapa foi executada em um horário de 50 minutos em cada uma das três turmas. Esse momento consistiu em uma roda de conversa entre a docente e estudantes, relacionada com questões de cunho social e cultural, e tendo como pano de fundo as problemáticas levantadas e discutidas nos momentos anteriores.

A quarta etapa se deu com a aplicação da peça do Teatro-Fórum que foi realizada por atores/atrizes amadores de uma companhia de teatro da cidade. O curinga, que cumpre o papel de motivar e levantar as discussões, foi representado por uma atriz que trabalhou no Teatro de Arena por muitos anos, inclusive em companhia de Augusto Boal. A peça foi realizada em uma sala, a maior da escola, em conjunto com todas as três turmas da EJA. No final da peça os/as

estudantes definiram o final da história com um debate e auxílio da Curinga. Para concluir, foi solicitado aos/as estudantes que escrevessem a sua sugestão de final, ou seja, que expusessem no papel suas ideias, suas opiniões, sendo que esse material seria entregue ao professor em um momento futuro, propiciando a todos a oportunidade de se expressar sobre o final da peça.

Por fim, a última etapa foi uma discussão com a classe estudantil para a definição do tema gerador. Essa etapa foi realizada em dois horários de aula, ou seja, em 1 hora e 40 minutos. A discussão se deu a partir da seguinte pergunta: “Essa experiência foi libertadora?”.

Antes de iniciar a discussão, foi realizada uma dinâmica intitulada “nossa história real”, com o objetivo de deixar os/as estudantes à vontade e que pudessem expressar mais facilmente suas ideias. A dinâmica consistia em começar contando uma história, para em seguida o/a colega do lado continuar a história a partir do anterior, até que todos contribuíssem. A partir daí a discussão teve início, considerando a peça teatral apresentada, e alguns pontos citados na dinâmica: gravidez indesejada na adolescência, família, pobreza, relacionamentos, política, racismo, drogas, trabalho, problemas sociais, cultura e escola.

Todos estes passos foram objetos de anotações no diário pessoal do docente e executor da proposta. Esse diário é o principal documento para registro dos resultados e, apesar de ser pessoal, a descrição dos fatos foi realizada, em sua totalidade, sem a emissão de opiniões pessoais. A reflexão dos passos e fatos obtidos, incluindo observações pessoais, eram realizadas em momentos separados, buscando não deixar que opiniões pessoais pudessem impor alguma visão diferente da realidade obtida.

Resultados e Discussão

Na primeira etapa do trabalho, a roda de conversa realizada após a dinâmica apontou que, no geral, os principais problemas estão relacionados com a péssima situação financeira da comunidade. Pode-se observar na escrita de um estudante a visão fatalista em seus pensamentos, quando ele escreve que seu problema foi não ter nascido rico, mas que não podia reclamar, pois tinha saúde e que cada um nasceu com um destino. Nesse relato, se constata o papel de dominador e docilizador do opressor sobre os oprimidos, tentando garantir que tenham uma visão fatalista de sua realidade, impregnando em suas ideias a ausência de qualidades, em que tudo acontece por mérito ou fatalidade do destino.

No relato desse estudante, fica claro que ele tem uma visão fatalista imposta pelos opressores e que o imobiliza, fazendo perder a esperança diante do futuro social, político, cultural e histórico, ao dizer que o destino é definido ao nascimento e, possivelmente, não seria modificado.

Toda opressão impõe uma certa visão de mundo do indivíduo oprimido, que o assola perante o opressor e diante da sociedade, reportando a austeridade de diferentes níveis sociais existentes por ser algo normal e predestinado à sua condição social. Em oposição à condição, Freire (2015, p. 113) comenta:

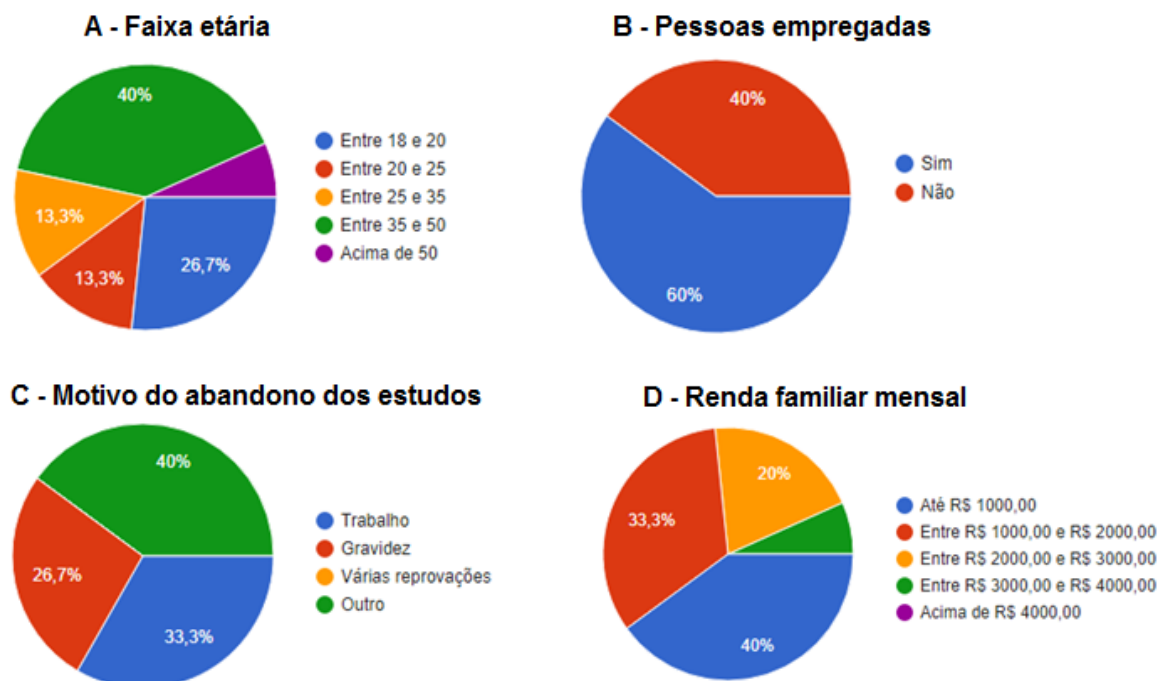
Daí a minha recusa rigorosa aos fatalismos quietistas que terminam por absorver as transgressões éticas em lugar de condená-las. Não posso virar conivente de uma ordem perversa, irresponsabilizando-a por sua malvadez, ao atribuir a “forças cegas” e imponderáveis os danos por ela causados aos seres humanos.

Em um depoimento de outra estudante pode-se notar o quanto o pensamento da crença falsa, ou seja, a questão da meritocracia está internalizada no pensamento dos oprimidos, quando ela fala que quanto mais trabalha, maior é a chance de ficar rica, e complementa que precisava arrumar três trabalhos para ficar bem na vida.

Um terceiro estudante se expressou dizendo que o problema dele foi ter nascido pobre, pois tinha alma de rico. Apesar do toque de humor, é possível observar, no depoimento, a ação do aparato do sistema financeiro opressor, vinculado com os interesses estratégicos, que impõem a ideia do poder financeiro sobre a realidade das pessoas. Nota-se que com esse pensamento e por falta de melhores condições, os/as oprimidos/as ficam cada vez mais frágeis, mais excluídos/as e sufocados/as pela imposição social.

Quanto ao questionário aplicado durante a segunda etapa da proposta, obteve-se 42 respostas. Uma turma do 1º ano da EJA com 13 estudantes e duas turmas da EJA 2º ano, com 12 e 17 estudantes, todos matriculados na escola no início do ano de 2022. A primeira questão refere-se ao gênero dos 42 participantes da pesquisa, dentre os quais, 56% são do gênero feminino, 44% do masculino. Essa questão demonstra a opressão na realidade feminina, que está muito relacionada a alguns dos motivos da evasão, como casamento ou nascimento de filhos.

Figura 1 - Gráficos com os resultados do questionário socioeconômico aplicado aos/às estudantes



Fonte: Autores

Fonte: Os autores (2022).

Em relação à idade de tais estudantes, notou-se que a maioria possui entre 35 e 50 anos, mas que há um largo espectro de faixas etárias, iniciando em estudantes com 18 anos e terminando em estudantes com mais de 50 anos. O resultado pode ser observado no Gráfico A da figura 1. Essas diferenças são resultantes da evasão que sempre tem permeado a formação escolar brasileira. As diferenças nas idades entre tais estudantes demonstram também possibilidades de diferenças de vivências, experiências e bagagens sociais e culturais. Freire (2015, p. 42) reforça a importância de considerar a bagagem cultural que o aluno leva para a escola:

Que não há nada melhor para o desenvolvimento dos alunos, que o respeito aos conhecimentos com os quais o aluno já chega ao adentrar a escola, sendo o dever do professor e mesmo da instituição o de instigar para que esses conhecimentos sejam ampliados e até mesmo melhor, entendidos em um contexto amplo.

No levantamento buscou-se o número de estudantes que estavam empregados/as ou desempregados/as, de acordo com os dados levantados, a grande maioria encontra-se

trabalhando, conforme indicado no gráfico B da figura 1. Esses dados reforçam a realidade de muitos jovens, principalmente de camadas mais pobres, que possuem a necessidade de trabalhar para ajudar no sustento da família, o que muitas vezes também é o motivo do abandono do estudo regular.

Com relação ao motivo de abandono dos estudos, pode-se observar o resultado no gráfico C da figura 1. O resultado mostra que, apesar de haver indicações de motivos não esclarecidos, o fator econômico aparece com grande frequência, acompanhado pela gravidez.

O gráfico D da figura 1 aponta o resultado em relação à renda familiar. No geral, identifica um baixo rendimento, sendo que uma grande parcela desses estudantes (40%) possui renda familiar de no máximo R\$1000,00 mensais, o que pode ser considerado um valor muito baixo considerando o atual custo de vida.

A educação como um todo tem buscado por melhorias, mas a EJA merece atenção especial por desenvolver suas atividades com um grupo diferenciado de educandos, que não estudaram no período adequado à idade escolar. Os motivos já mencionados pela pesquisa do questionário via *Google Forms* mostram que, dentre tais estudantes da EJA, a maioria foi exposta a situações complexas relacionadas às dificuldades financeiras, familiares, entre outras, o que ocasionou, na maior parte dos casos, no abandono do ensino regular, o que pode ser confirmado em estudos sobre essa modalidade de ensino (ARROYO, 2007).

Na terceira etapa buscou-se encontrar temas para criação do roteiro a ser desenvolvido na peça teatral. O objetivo foi conhecer os problemas mais particulares que essa comunidade estudantil vive para criação de uma história dramática, verdadeira e real. No Teatro-Fórum, modalidade escolhida para a apresentação, o público tem a possibilidade de escolher o final da peça, inclusive participar da mesma, causando um pensamento crítico, diferentemente do teatro tradicional, em que se assiste a uma peça e não se tem a oportunidade de fazer comentários. Assim afirma Boal (2009, p. 71): “No Teatro-Fórum uma ideia nunca deve ser imposta. O Teatro-Fórum não prega nada, não é dogmático, não tenta manipular as pessoas. No melhor dos casos, liberta os espect-atores, os incentiva e os transforma em atores – e em seres de ação”.

A partir de uma investigação temática, por meio de uma roda de conversa entre o docente e estudantes, relacionada com questões de cunho social e cultural, e tendo como pano de fundo as problemáticas levantadas e discutidas nos momentos anteriores. Como diz Boal (2009), “muito mais importante do que chegar a uma boa solução é provocar um bom debate”. A roda de conversa foi conduzida aos problemas do cotidiano da turma, mas alguns estudantes relataram problemas particulares, com temas sobre aborto, crime, drogas, tráfico, discriminação e política.

A partir das discussões e dos temas citados criou-se uma história para a peça intitulada “Um problema (ou mais)”. A história se passa em uma casa, com uma família desestruturada, em que o pai é machista, a mãe internada por alcoolismo e a filha está grávida do amigo do namorado de sua melhor amiga, a qual se prostitui. Essa etapa foi de suma importância para criação da cena, voltada para situações que, às vezes, expõem algumas das realidades da comunidade, visto que a partir desse momento, os/as estudantes puderam dar suas opiniões e falar sobre os problemas, o que, muitas vezes, não é oportunizado.

A quarta etapa foi a apresentação da peça na modalidade Teatro-Fórum e foi a mais significativa desse trabalho. Esse momento possibilitou a materialização de alguns dos pensamentos dessa comunidade estudantil em relação a sua própria realidade. Foi nesse momento que tais estudantes puderam falar e depois colocar no papel o seu ponto de vista. Talvez particularidades que nunca antes tiveram oportunidade de dizer, eles/elas puderam falar com autoridade a respeito de sua própria visão de mundo. Assim diz Boal (2013, p. 324): “sejamos democráticos e peçamos às nossas plateias que nos contêm seus desejos, que nos mostrem suas alternativas.” O teatro é um espaço para todos, um lugar em que podem falar, um espaço em que todos podem pensar e se expressar. Conforme Boal (2013, p. 336), “O teatro deve modificar o espectador, dando-lhe consciência do mundo em que vive e do movimento desse mundo. O teatro dá ao espectador a consciência da realidade; é ao espectador que cabe modificá-la”.

A apresentação da peça “Um problema (ou mais)” revelou momentos importantes para reflexão do tema gerador. Foram momentos em que os/as estudantes puderam falar, e alguns chegaram a participar com os atores/atrizes, experimentando papéis que às vezes pareciam um grito de socorro para um romper da opressão vivida no dia a dia.

O momento de cada cena instalada criou a oportunidade para os/as espectadores/as, que por vezes também se colocaram como atores/atrizes – espect-atores/as, conforme definido por Boal (2013) – experimentassem novas possibilidades. A execução da peça permitiu a reflexão acerca das atitudes e comportamentos de cada um na relação com o outro, e em suas diferenças e opiniões de uma sociedade diversificada e plural. Os/as estudantes propuseram várias inserções, sendo que, com o auxílio da curinga, a peça foi apresentada com três possíveis finais diferentes.

A quinta e última etapa se deu com o objetivo de definir o tema gerador. Com os/as estudantes em círculo, iniciou-se uma dinâmica intitulada “nossa história real”, para que eles se sentissem mais à vontade e pudessem expressar suas ideias. A dinâmica consistiu em iniciar uma história, e interrompê-la, para em seguida o/a colega ao lado continuar de onde havia sido

feita a interrupção, até que todos contribuíssem. Após a dinâmica, começou a discussão com a seguinte pergunta: “Essa experiência foi libertadora?”. Vários temas emergiram na discussão, como: gravidez indesejada na adolescência, família, pobreza, relacionamentos, política, racismo, drogas, trabalho, problemas sociais, cultura e escola.

Uma grande parte dessa comunidade falou que se sentiu liberta durante todas as ações realizadas, ao poder expressar suas próprias opiniões e a forma como observam a realidade vivida. Uma das alunas, que participou atuando em um dos finais da peça, relatou que se sentiu liberta ao ter essa participação ativa, e ver que a sua opinião foi ouvida e compartilhada com os/as colegas. Outro aluno disse que apenas com a possibilidade de falar e o outro/a o ouvir, sentiu certo poder, sentiu um alguém na vida e isso o fez sentir-se liberto. Nas palavras de Freire (2009, p. 56), “investigar o ‘tema gerador’ é investigar, repitamos, o pensar dos homens referidos à realidade, é investigar seu atuar sobre a realidade, que é sua práxis.”

Por fim, após as exposições de pensamento que os/as estudantes hastearam, por meio da dialogicidade e ao apoiar na ideia do coletivo, chegou-se ao tema gerador, que foi a gravidez indesejada. Fica patente que o trabalho com temas geradores acontece em comunhão a partir da realidade vivida, trazendo significado e promovendo uma visão mais crítica da realidade presente, para assim cumprir o papel da educação, que é ser exercida como prática da liberdade, como afirma Paulo Freire (2009). Nessa última etapa, fica visível a importância que o Teatro-Fórum assume na formação dos/as espectadores/as, aqui no caso, educandos/as EJA, pois permite que eles/elas possam aprender enquanto criticam e fazem uma análise de sua própria realidade.

Os próximos passos, já no âmbito de práticas escolares, é a implementação do tema gerador em conjunto com o projeto pedagógico da escola, especialmente no que tange às atividades da EJA. Percebe-se na amplitude do tema que emergiu do projeto realizado a sua complexidade e sua transversalidade. Acredita-se assim no sucesso da proposta e na possibilidade de implementação em outras escolas e ambientes.

Considerações finais

Sabe-se que toda e qualquer metodologia pedagógica que trabalha com grupos escolares está sujeita a mobilizar algum conteúdo pessoal de qualquer um dos envolvidos. Assim, trabalhar o Teatro-Fórum é fazer com que a peça teatral afete os indivíduos, estimulando-os ao envolvimento emocional com as questões sociais dramáticas voltadas para o cotidiano, principalmente ao possibilitar que expressem suas ideias e opiniões.

A priori o debate, quando aplicado o formulário com questões socioeconômicas, fez analisar assuntos pertinentes de um sistema que impõe sua opressão no coletivo. Observa-se a insensibilidade da classe estudantil EJA ao se ver no mundo, uma visão fatalista da realidade e uma situação limite que o cerca. Fica claro que trabalhos como esse têm importância no desenvolvimento de alternativas e soluções que contribuem com o desvelamento do próprio mundo em que o/a estudante está inserido/a, incluindo não somente uma visão crítica de mundo, mas também possibilidade de entender e pensar os próprios problemas.

Observa-se que a prática docente, por meio de procedimentos estratégicos de um processo de conscientização da realidade opressora vivida nas sociedades desiguais, através do Teatro-Fórum com ênfase nos temas geradores, pode oportunizar uma conscientização entre estudantes sobre sua própria realidade de opressão. Esse fato pode contribuir para uma busca de novas maneiras de resolver seus problemas e trazer uma nova forma de ver o mundo, tendo como base a sua realidade vivenciada.

O projeto de extensão executado resultou em momentos em que foi possível identificar os principais princípios extensionistas: houve a promoção da integração ensino/pesquisa com a geração e aplicação de conhecimentos; o caráter educativo foi evidenciado com os resultados obtidos; houve a integração entre a Universidade e a sociedade ao se estabelecer a troca de saberes; houve realce da dimensão transformadora da sociedade, visando à formação de uma consciência crítica e reflexiva para a superação das desigualdades e para a melhoria da qualidade de vida (UFU, 2019).

Acredita-se que o objetivo geral desse trabalho, que foi desenvolver e avaliar uma proposta para o ensino, por meio de um projeto de extensão, utilizando o Teatro-Fórum de Augusto Boal, como forma de extrair o tema gerador de Paulo Freire, foi alcançado com êxito. Quanto a resposta à pergunta que orientou a execução do projeto, quanto à possibilidade de utilizar o Teatro-Fórum na pesquisa e definição do tema gerador? Os resultados apontam que, além de ser totalmente possível, é extremamente produtivo.

Ao implementar as atividades e estudar os conteúdos provenientes do universo temático dessa comunidade escolar, chegou-se ao tema gerador, a gravidez indesejada, que trará subsídio ao trabalhar disciplinas com esses estudantes, pois trabalhar com aquilo que faz sentido ao indivíduo é de suma importância na compreensão e aprendizado de modo geral.

Referências

ARROYO, M. Balanço da EJA: o que mudou nos modos de vida dos jovens-adultos populares? **Reveja**, Niterói, v. 1, n. 0, p. 5-19, 2007. Disponível em: http://mariaellytcc.pbworks.com/f/REVEJ@_0_MiguelArroyo.pdf. Acesso em: 6 set. 2022.

BOAL, A. **Hamlet e o filho do padeiro**: memórias imaginadas. Rio de Janeiro: Record, 2000.

BOAL, A. **A estética do oprimido**. Rio de Janeiro: Garamound, 2009

BOAL, A. **Augusto Boal sobre Paulo Freire**. 2013. Disponível em: <http://augustoboal.com.br>. Acesso em: 3 mar. 2022.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 48. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA. Conselho Universitário da Universidade Federal de Uberlândia. **Resolução nº 25/2019 do CONSUN**. Estabelece a Política de Extensão da Universidade Federal de Uberlândia, e dá outras providências. Uberlândia, 22 nov. 2019. Disponível em: <http://www.reitoria.ufu.br/Resolucoes/resolucaoCONSUN-2019-25.pdf>. Acesso em: 1 set. 2022.

VELÔSO, T. M. G. *et al.*; Educação popular e arte: novas tessituras em um assentamento rural. **Revista de Educação Popular**, Uberlândia, v. 20, n. 1, p. 357–372, 2021. DOI 10.14393/REP-2021-54882. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/54882>. Acesso em: 12 set. 2022.

Submetido em 12 de setembro de 2022.

Aprovado em 20 de novembro de 2022.